

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2011 - ANO XIV - Nº 169

EDITORIAL

Diariamente, os meios de comunicação noticiam a descoberta de algum mecanismo de corrupção infiltrado em diferentes setores da sociedade. É comum ouvirmos que a corrupção é endêmica no Brasil, que vem crescendo e que não tem cura. Ela é como um câncer que corrói a sociedade com metástases em todos os setores públicos. Essa ideia, felizmente, é equivocada, não procede. Na verdade, o que se tem constatado é que, nos últimos anos, aumentou o número de denúncias, investigações e descobertas de casos de corrupção, de maneira que quando se torna pública, causa espanto nos cidadãos de bem.

O fenômeno da corrupção ocorre em todos os países. Não é exclusividade do Brasil. Recentemente, documento do Fórum Econômico Mundial apontou que “(...) a corrupção é o maior obstáculo ao desenvolvimento econômico e social do mundo; distorce mercados, retarda o crescimento econômico, mina as bases da democracia, corrói o estado de direito e o primado da lei”.

As pessoas conscientes sabem exatamente o tamanho da nocividade que um ato de corrupção cometido por quem quer que seja faz de mal para a sociedade. No âmbito político, a corrupção está além dos limites; e pior: muitos cidadãos comuns ainda entendem que é normal e até a praticam de forma inconsciente ou não. Isso faz com que ela prolifere, com a desculpa de que é cultural. Não! A corrupção não é cultural! O que falta é punição e seriedade por quem tem um pouco mais de conhecimento e poder para coibi-la. Para equacionar este mal, o governo brasileiro tem firmado parcerias com entidades internacionais, visando à troca de experiências e mecanismos para combatê-la. Visa não somente a punir corruptos e corruptores, mas também a prevenir essa prática.

O estímulo à transparência é um dos objetivos essenciais da moderna administração pública. A ampliação da divulgação das ações governamentais a milhões de brasileiros, além de contribuir para o fortalecimento da democracia, prestigia e desenvolve as noções de cidadania. O Brasil vem sendo passado a limpo. Este é o momento para um grande debate.



Foto arquivo Pro-Memória

Ensinar as crianças desde cedo a navegar na internet para buscar informações e debater ideias é uma forma de potencializar o uso da rede a favor da cidadania. Privá-las deste conhecimento é um crime inominável.

A internet como instrumento de cidadania

A sociedade conectada em rede, através da mídia e da internet, é o resultado de transformações sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que abrangem o mundo globalizado. Nos últimos anos, mudanças significativas vêm ocorrendo no âmbito da gestão pública, em particular no que se refere à transparência do serviço público, com o uso da internet como portal de interação entre o cidadão e o governo.

A divulgação e controle dos gastos por meio eletrônico vêm se universalizando. Para isso os governos, cada vez mais, têm utilizado a internet para divulgar programas, projetos e destinação dos recursos públicos. Considerando que o governo tem o dever de prestar contas sobre seus atos, sobretudo os que envolvem gastos, a prestação de contas é um instrumento que possibilita à sociedade sintetizar as informações sobre os governos. Dessa maneira, poderá reagir conforme o grau de insatisfação com o gestor público, o que é sadio em regimes democráticos. Isso reflete no conceito que tem de seus gestores, contribuindo para o controle social que se apresenta como eficiente regulador dos atos do administrador.

Buscando a transparência, o governo federal criou a Controladoria Geral da União (CGU), órgão responsável por fiscalizar e detectar fraudes em relação ao uso do dinheiro público federal. A CGU tem buscado desenvolver mecanismos de preven-

ção à corrupção. Um desses mecanismos é o Programa de Fiscalização a Partir de Sorteios Públicos, que visa a inibir a corrupção entre gestores de qualquer esfera da administração pública. Para isso, usa o sistema de sorteio das loterias da Caixa Econômica Federal para definir os municípios a serem fiscalizados quanto ao correto uso dos recursos federais. Os relatórios com os resultados desses sorteios são encaminhados aos ministérios públicos estadual e federal, às câmaras municipais e aos ministérios gestores das políticas públicas, possibilitando a adoção de providências para a correção de desvios verificados, bem como a avaliação dos programas de governo e a implantação de melhorias identificadas como necessárias.

Em 2004, prefeitos recorreram ao Supremo Tribunal de Justiça contra a divulgação desses relatórios. Os ministros ressaltaram que “a administração pública deve se orientar pela estreita observância da publicidade e transparência dos seus atos”. Apontaram, ainda, que os agentes públicos devem estar permanentemente com a imagem irretocável e ser transparentes.

O papel da sociedade no controle dos gastos públicos é imprescindível. A manipulação dos fatos é comum na mídia. Para evitar distorções, a CGU disponibiliza na internet seus relatórios para que os cidadãos leiam, acompanhem e tracem seu juízo de valor.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Em 1925 um grupo de foliões organizou o Rancho "Flor do Indaiá", que contou com a adesão de muitos moradores. Esse Rancho percorreu pela primeira vez as ruas da cidade, para surpresa e admiração da população, no Carnaval de 1926. Foto na Estação Ferroviária Rodrigues Alves.

Do entrudo aos primórdios do Carnaval em Piquete...

O Carnaval é considerado uma das festas populares mais animadas e representativas do mundo. Ao contrário do que se imagina, a origem do Carnaval brasileiro é totalmente europeia. Sua chegada ao Brasil data do início da colonização, sendo uma herança do entrudo português e das mascaradas italianas. Foi, portanto, graças a Portugal que o entrudo chegou ao Brasil. Somente muitos anos mais tarde, no século XX, é que ao Carnaval foram acrescidos elementos africanos, que contribuíram de forma definitiva para o seu desenvolvimento e originalidade.

O termo entrudo é derivado do latim "introitus", que significava "entrada", "começo", nome com o qual a Igreja denominava o começo das solenidades da Quaresma.

No Brasil colonial o Carnaval era uma brincadeira de rua, muitas vezes violenta, quando se encontrava todo tipo de abusos e licenciosidade. Era comum os escravos se molharem uns aos outros usando ovos, farinha de trigo, polvilho, cal, goma, laranja podre, restos de comida, enquanto as famílias brancas se divertiam em suas casas derramando baldes de água suja em passantes desavisados, "num clima de quebra consentida da extrema rigidez da família patriarcal".

Com o passar do tempo e devido a insistentes protestos, o entrudo civilizou-se, adquiriu maior graça e leveza, substituindo as substâncias nitidamente grosseiras por outras menos comprometedoras como os limões de cheiro (pequenas esferas de cera cheia de água perfumada) ou os frascos de borracha ou bisnagas cheias de vinho, vinagre ou groselha. Estas últimas foram as precursoras do lança-perfume,

introduzido em 1885.

Devido ao seu espírito perturbador da ordem, ao longo dos anos o entrudo sempre foi alvo de proibições. No entanto, as medidas proibitivas em muitos lugares eram inoperantes, pois o entrudo continuava soberano como divertimento popular. Visando a modernizar o país e acabar com os excessos do entrudo, uma campanha no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, buscava mudar a maneira de brincar o Carnaval. A campanha visava a banir definitivamente o entrudo. Introduziu-se na Corte um protótipo do Carnaval aos moldes de Veneza e Paris, criaram-se os bailes de máscara em salão. Esse Carnaval, no entanto, era restrito às elites. O povo continuava a brincar o entrudo de maneira espontânea. Adotaram-se, então, pelas câmaras municipais, leis para regulamentar essas brincadeiras. Na Vila Vieira do Piquete não foi diferente de outros lugares. Revendo a Lei nº 3, que estabelece o Código Municipal da Vila, promulgada em 16 de janeiro de 1893, pelo Intendente Municipal, Carlos Augusto Taques Bittencourt, ficamos sabendo que o Carnaval já era brincado nestes ermos perdidos no sopé da Mantiqueira. Em seu Capítulo X, que trata de divertimentos públicos, no artigo 67 aponta que "sem licença da Câmara não poderá ter lugar qualquer espetáculo ou divertimento público, de qualquer natureza desde que deles se auferam lucros, sob pena de 30\$ de multa. Excetua-se o Carnaval, nos três dias para ele destinados". No artigo 68 dessa mesma Lei consta, ainda: "a não ser nestes três dias, ninguém poderá andar mascarado pelas ruas e praças da Vila, salvo nas noites de bailes de máscaras, para as quais se tiver obtido licença".

Apesar do controle das posturas municipais, os jovens piquetenses brincavam o entrudo pelas ruas poeirentas da Vila, atirando uns nos outros água, café, trigo etc. Era uma espécie de trote, quando um grupo se divertia pregando peças nos outros. Era uma grande algazarra. Libertinagem total em que, nos três dias dedicados a Momo, era quebrada a monotonia do lugar. No início do século XX, com as obras militares no município e com grande afluxo de trabalhadores de diversas regiões do país para trabalhar na Fábrica de Pólvora sem Fumaça, o Carnaval sofreu outras influências. O número de foliões crescia ano a ano. Isso levou o prefeito José Dias da Silva a promulgar em 5 de novembro de 1914 um novo Código Municipal, que no seu artigo 54 registra: "É proibido o jogo de entrudo com água oca, tintas e outras substâncias, e bem assim a venda de limões de cheiro sob multa de 20\$000 e destruição imediata dos objetos a isso destinados". Mais uma vez as proibições municipais não surtiram efeito – o Carnaval estava enraizado na vida dos piquetenses. A influência do Carnaval carioca predominou. Em 1925 um grupo de foliões organizou o Rancho "Flor do Indaiá", que contou com a adesão de muitos moradores. Esse Rancho percorreu pela primeira vez as ruas da cidade, para surpresa e admiração da população, no Carnaval de 1926. A partir de então outros grupos surgiram. Com o aparecimento do rádio e o surgimento das marchinhas, o Carnaval ganha os salões, para alegria dos foliões. São três dias de folia e brincadeira...

GENTE DA CIDADE

Paulo Noia

Há pessoas que conhecemos por meio de um olhar. São aquelas com as quais sabemos, desde o primeiro contato, que poderemos contar em todos os momentos. O atual Presidente da Fundação Christiano Rosa é um deles. Dedica seu tempo às atividades representativas e aos trabalhos de recuperação ambiental que vêm sendo coordenados pela entidade. Ao mesmo tempo, além de dedicado pai e esposo, é o eixo central de sua família. Consegue tempo, ainda, para se dedicar aos menos favorecidos, com os quais demonstra o altruísmo e o carinho que os olhos não negam.

Nascido em Lajinha, na Zona da Mata mineira, em 26 de abril de 1947, logo após o primário, em 1959, foi para o Rio de Janeiro frequentar o Curso Industrial de Mecânica do Instituto Profissional 15 de Novembro. Durante o período de estudos, jogava basquete no time da escola, atividade que o levou a ser convidado para ingressar na renomada equipe do Flamengo. Aventou a possibilidade de aceitar, mas a aprovação, em 1965, na Escola de Especialistas da Aeronáutica, de Guaratinguetá, falou mais alto e ele se mudou para o Vale do Paraíba. Na EEAer conheceu o piquetense Josemar Zschommler que, por diversas vezes, o convidou para conhecer a Cidade Paisagem. Foi somente no segundo ano da escola militar, porém, que veio a Piquete. "O Josemar estava morando em Lorena e eu ficava na casa do Osvaldo Lopes...", conta. As visitas tornaram-se, então, mais frequentes, inclusive para jogos de basquete, que continuava praticando na Aeronáutica. Numa dessas vindas, conheceu Cléa Gouvea, com quem viria se casar em 14 de fevereiro de 1970 e com quem tem uma filha. "Foi o primeiro casamento na Matriz Nova de São Miguel", cita orgulhoso.

Formado, foi para o Rio de Janeiro. A carreira militar proporcionou à família uma vida itinerante, passando por várias cidades e vilas militares, nas quais fez inúmeras amizades. Em 1993, transferiu-se para a reserva. Neste mesmo ano, fixou residência em Piquete. Veio morar num sítio na serra, mas as conveniências fizeram com que se mudasse para a cidade um ano depois. Amante da natureza, viu crescer a vontade de cursar Biologia. Aguardava a abertura do curso em Lorena, quando surgiu a oportunidade de se tornar Técnico em Meio Ambiente. Logo na conclusão deste curso, deu continuidade aos estudos e formou-se Administrador de Empresas, tendo merecido, inclusive, homenagens em sua formatura, pelos resultados obtidos.



Paralelamente a esse período, esteve sempre envolvido com o meio ambiente. Em 2000, membro do Conselho Rural do município, foi convidado pelo prefeito eleito, Luiz Carlos Beraldo Leite, para a Secretaria de Meio Ambiente. Em pouco tempo, resolveu um dos problemas mais sérios de Piquete nesta área: o aterro sanitário. Identificou o local, planejou e construiu o aterro que, nos quatro anos de mandato de Carlinhos Sessão, teve avaliação positiva máxima dos órgãos estaduais. Em virtude de uma série de acontecimentos, assumiu, logo nos primeiros meses, a Secretaria Geral de Administração da Prefeitura de Piquete. Tendo como vitrine o resultado de seus trabalhos à frente desta pasta, sua competência e seriedade se espalharam pelo Vale do Paraíba, o que o tornou reconhecido no meio técnico-administrativo político. Findo o mandato de Carlinhos Sessão, deixou a Prefeitura de Piquete para tornar-se Secretário de Meio Ambiente de Lorena, cargo que conduziu por ano e meio.

O resumo de sua história justifica, sem dúvidas, a presença de Paulo Noia na presidência da Fundação Christiano Rosa desde 1998. Atualmente, orienta técnica e administrativamente o plantio de milhares de mudas nos projetos de revegetação conduzidos por ela.

Paulo Noia é o quarto dos dez filhos do casal João Fernandes de Miranda e Ester Noia de Miranda. Os valores familiares são mantidos até hoje e o carinho com que trata a todos é modelo para os que desejam a harmonia onde quer que estejam. A voz calma, a sabedoria adquirida na leitura constante, o estudo da doutrina espírita, a prática permanente da caridade e a busca constante por justiça fazem com que Paulo Noia conquiste o respeito de todos seus interlocutores. São homens assim que permitem o engrandecimento de tudo o que conduzem. Portanto, busquem olhares como os citados; se cruzarem com o de Paulo Noia, o perceberão de imediato, pois o brilho da sinceridade é ímpar.



O Estafeta: há 14 anos fazendo história

A preocupação em se preservar nossa memória, nosso patrimônio histórico, arquitetônico e paisagístico, bem como o resgate e a divulgação de valores culturais de nosso povo – amálgama da formação de nossa cidadania –, suscitou sentimento de civismo que levou à criação da Fundação Christiano Rosa.

Criada em 1997, a Fundação Christiano Rosa é uma entidade de direito privado, de fins não lucrativos, que se destina a promover, incentivar e patrocinar atividades nos campos da educação, cultura, artes, assistência social, ciências, tecnologia e meio ambiente. Tem como principal objetivo promover o exercício da cidadania e inculcar na população piquetense, principalmente a estudantil, o amor por nossa cidade, colaborando para a formação da consciência de que há muito por se fazer em relação ao nosso patrimônio. É preciso que aprendamos a ver, conhecer e sentir nossas belezas naturais, mantendo uma relação de respeito com o meio ambiente, o patrimônio arquitetônico e cultural, e olhos sempre voltados para o futuro.

Todos os trabalhos executados pela Fundação são divulgados pelo "O Estafeta", que neste fevereiro completa mais um aniversário. Este periódico renova seu compromisso editorial de divulgar informações como forma de disseminar conhecimento, provocar opiniões e construir identidades. Todo seu trabalho é voltado para a construção de uma sociedade mais forte, consciente e participativa. A credibilidade é uma das principais características do "O Estafeta". Para isso conta com articulistas sérios, antenados com o momento histórico que vivemos.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

No governo, resultado é estilo?

A mídia chama a atenção sobre a nova presidente como gestora e comprometida com a excelência empresarial.

Em prosseguimento, para comentar o início do governo da presidente Dilma Rousseff, chamou-nos a atenção a referência dada à presença dela a uma reunião de ministros. Diz a legenda de uma foto: “O carisma dá lugar a um esforço conjunto pela eficiência”. Duas fotos foram apresentadas na mesma medida, uma ao lado da outra: uma de Lula abraçando populares diante do Alvorada, em 2003; a outra, de Dilma na cabeceira da grande mesa dividida em partes iguais, ocupadas pelos ministros e a expectativa de uma política de resultados.

Nas comparações usadas no comentário de Gabriel Manzano, para O Estado de São Paulo (16-1-2011), o recorte de que “Lula é mais emoção do que razão, Dilma é o oposto disso”. Ressalta-se ainda que “Ele fala com a sociedade, ela com o Estado”. Assim, comparando os dois, para emblematicar Lula e Dilma nas suas diferenças interpostas à proposta de continuidade do atual governo ao anterior e para argumentar ser ele treinado nas assembleias e especialista nas nego-



ciações, e ela, “um quadro de gestão, de metas prioritárias, de controles e prioridades, enfim, de resultados”. Seguida da observação de que ela herdou um “imenso capital político e que não pode perdê-lo”. Entretanto, com a recomendação de que deva aprender a lidar com o público, mesmo colhendo bons resultados. Ela, que confia mais nas instituições do que nas chamadas virtudes humanas, segundo as anotações jornalísticas.

Os comentaristas anotam que Dilma é uma governante mais discreta, que aparece pouco, e de retórica mais voltada para a lógica das metas. Ou seja, que parece evitar

a emotividade. Observações dos primeiros momentos.

Afinal, segundo o antropólogo Roberto Damatta, quem ocupa o cargo de presidente luta com o papel. Em artigo desenvolvido no **Estado de São Paulo** (5-1-2011) argumenta que papéis são fórmulas cujo desempenho requer entrega e cuidados especiais; diz ainda ele ser esse um papel que “canibaliza” e coage até atingir o ponto da tortura. Trata-se, segundo o seu ponto de vista, de um cargo que obriga à precência para antecipar-se, mas com cautela, principalmente quando falta

tempo para decidir inovações perante hábitos sedimentados nas velhas fórmulas. Inclusive o cuidado na condescendência que exige crédito, mesmo quando não se acredita. Mas, papel perigoso por tornar-se ameaçado pelo sacrifício mortal, tal como ocorreu com os “messias, profetas, ou os velhos feiticeiros e hereges” que iam para as fogueiras.

As expectativas aí estão para concluir se a percepção do limite da pessoa no papel é uma arte. E que no caso do Brasil, com um demonstrativo de 84% de aprovação de Lula na saída, torna-se um desafio extremamente dimensionado.

Dóli de Castro Ferreira

Memória de Mariinha Mota

A Máquina de voar com eclipse solar

Para Mariinha, que se mantém eclipsada, envolvida por aura de luz.

Maria Augusta, Mariinha, se quiserem, me chamo, e me delicio em ouvir assim o meu nome.

Sinto-me leve nesta tarde primaveril em que as correntes de ar começam a se tornar ascendentes pela elevação da temperatura. O ar está cada vez mais leve, sinto, aspiro, meus pulmões estão cheios de ar.

A brisa agita levemente os meus cabelos: são curtos, não atrapalham.

Estou subindo; em ascensão, portanto.

Pedalo também, e fortemente. Estou em uma espécie de bicicleta alada. Usando duas manivelas laterais posso movimentar minhas asas que se agitam e incorporam mais energia solar. Este é um momento glorioso, inesquecível. Como foi que preparei essas asas? Havia pensado primeiramente em usar pano, cetim por exemplo; depois, pensei em usar penas de aves, mas seria muito problemático; finalmente optei pelo plástico, bastante maleável, e até prateado. Afinal, também o plástico se torna mais resistente.

Como foi que consegui imitar a natureza tornando-me uma espécie de ave?

Usei uma armação semelhante às das asas dos anjinhos das antigas procissões e arrisquei até um diadema com três estrelinhas tremeluzentes.

Que absurdo agradável, remoía eu, subindo sempre. Já sobrevoava os picos das serras e até havia me demorado um pouco mais em equilíbrio sobre as pedras do Pico dos Marins, admirando-as, e seu campo de altitude, com bromélias e líquens. Aquela pedra mais destacada na área do Pico me pareceu um grande morcego, cego ao sol da tarde iluminada, no seu natural período de sono.

Havia retirado pedais para impulso de uma velha bicicleta inglesa da famosa marca BSA, de longa e sempre agradável memória.

Este não é um avião, nem uma asa delta, nem outra qualquer engenhoca do estilo voo solitário; este é um pássaro mecânico do qual sou parte inalienável.

Como uma borboleta, movimento as grandes asas que fiz com arame resistente que suporta bem a envergadura, garante o equilíbrio e a função alada.

Uma brisa mais forte faz balançar o engenho, e me delicio vendo as cidades se sucederem nos fundos dos vales, nas quais

os jogos de luz e sombras bordam painéis inesquecíveis.

E continuo a voar; e com arte, me equilíbrio. Passo por todo o mundo e todos os lugares. Pura magia.

De repente, no poente em luminiscência esplendorosa, uma faixa escura se forma em relação ao sol: é a lua que se antepõe em sombra, vista por nós aqui da Terra.

E a pequena lua nova se projeta sobre ele. Faz-se noite, de repente. Um halo luminoso envolve o escuro disco central; evolui, se desloca e clareia novamente. Tudo ocorreu em questão de sete minutos. O poente é inundado por cores soberbas.

Sei que hoje é dia de eclipse solar total.

Pressinto que estou num sonho, mas não quero acordar.

Se o fizer, caio.

Dóli de Castro Ferreira, em Piquete, 11 de julho de 1991, dia do eclipse solar total, não visível nesta parte do Brasil.

Esta crônica foi escrita há 20 anos, como é demonstrado pela data acima citada. Dedicada à minha amiga e comadre Mariinha, agora é o momento de publicá-la com a homenagem que lhe devoto. (26 de janeiro de 2011)

Mariinha Mota – um olhar e um sonho

Eu me acostumei com o brilho de seu olhar... Olhar intenso, brilhante, perscrutador, visionário. Absorvi todas as mensagens que ele transmitia sem palavras: aprovação, crítica, ternura, orgulho, confiança, cobrança, exigência, incentivo. Aprendi com ele e, mesmo distante, eu o sentia guiando meus passos. Em minhas lembranças mais primevas esse olhar está presente, ensinando, agregando, esclarecendo.

As primeiras imagens de mamãe, retidas em minha memória, apresentam-me seu jovem olhar sorrindo, enquanto me dizia versos que eu repetia, tentando decorá-los, pois ainda não sabia ler. Assim foi com o poema “Balada da Neve”, de Augusto Gil. Apesar de muito pequenina – três anos incompletos – e a dificuldade própria das crianças dessa idade, ela afirmava que eu conseguiria declamar corretamente, articulando as palavras difíceis sem gaguejar. Sob a força de seu olhar eu repetia: “(...) *E noto por entre os mais / os passos miniaturais / de uns pezinhos de criança (...)*”. E continuava o poema, com sentimento e interpretação íntimos: “(...) *Que descalcinhos doriíiiiíiidos, / a neve deixa inda vê-los/primeiro bem definidos, / depois em sulcos compridos / porque não podia erguê-los (...)*”.

Essa força que ela transmitia em seu olhar e em suas palavras, a certeza da vitória se depois de estabelecidas as metas houvesse dedicação e esforço para atingi-la, direcionou nossa vida e nossas conquistas sempre. Mariinha Mota acreditava até no que parecia ser impossível. Não admitia limites nem barreiras.

Essa força tão intensa não era vivenciada e sentida apenas por nós, seus filhos. Ela transmitia a todos a confiança no sucesso. Apoiava, amava, plasmava, lutava por todos nós: filhos, alunos e amigos. Íntegra, patriota e sonhadora, usando a palavra e os versos contribuiu na formação de gerações de jovens piquetenses. Mostrava a cada um como desenvolver os seus potenciais, cobrando mais do que pensavam poder obter – e atingia seus propósitos, ampliando horizontes, com a intensidade de seu olhar e a firmeza de suas crenças.

Mariinha Mota através de seus versos e de sua arte, impulsionada pela sua sensibilidade e inteligência, voou mundo a fora nas asas de suas rimas. Apesar de seus inúmeros títulos, medalhas e prêmios, considerava como expressão máxima de sua missão na terra cuidar de crianças, carentes ou não, colocadas aos seus cuidados como professora primária. Formada em Pedagogia e Letras – inglês e português – nos seus últimos anos de magistério lecionou para o segundo grau. Afirmava, contudo, que sua maior satisfação profissional acontecera



entre as crianças do Grupo Escolar “Antônio João”, onde labutara toda a sua vida. Meu maior orgulho em relação à minha mãe não se deve às honrarias e distinções obtidas, mas ao seu trabalho anônimo e fecundo como professora primária.

Sendo Mariinha Mota a personificação da poesia, somente podemos nos referir a ela em versos. Recordemos o que nos legou.

Um dia, em trova antológica, definiu o que seria a suprema felicidade: “*Duas coisas pedi a Deus / nessa vida tão sumária: / Viver feliz junto aos meus! / Ser professora primária!*”.

Mulher apaixonada, registrava em seus versos: “*Então fiz desse amor que me inspiraste um dia, / a escada que Jacó em sonhos viu surgir: / E que não tinha fim, ligando a terra fria, / aos céus de luz e paz, de sonhos a luzir (...)*”.

Mãe extremosa, recordando a perda do filhinho caçula: “*Filhinho tão querido, és no mar da distância / a nossa Estrela-Guia, o Anjo da Ternura, / que as horas abençoa e enche de fragrância / como linda flor-zinha perfumada e pura (...)*”.

Sonhadora e visionária repetia: “*Quero sonhar, sonhar intensamente / e em cascatas de luz compor meu verso. / Quero sempre viver, conscientemente, / procurando as estrelas do Universo (...)*”.

Amante de sua terra e de sua gente, em belíssimo soneto registrou a sua Cidade Paisagem: “*Existe uma cidade linda, acolhedora / almo ninho imortal de cálidos*

olores / de edênica paisagem, tela sedutora / domicílio gentil de rosas e de flores (...)”.

Com inquestionável confiança, acreditando em seu país, grafou: “*É o meu Brasil querido o coração do mundo / gigantesco a pulsar em ritmo grandioso, / abrigando em seu seio nobre e tão fecundo, / um povo hospitaleiro, forte e generoso (...)*.” E concluía: “*(...) No amor pátrio que inspira e toda a alma me invade / Agradeço ao meu Deus a bênção, a caridade: / Ter nascido afinal em solo brasileiro!*”.

Com sua fé inabalável, em dolorosos momentos da vida saudou o Mestre: “*(...) Amparada na luz da crença nobre e santa, / esperando o porvir que acalma e nos encanta, / sabendo que em meu ser a sombra é transitória, / ante o Cristo eu irei, sustendo sobre os ombros, / a cruz da dor cruel dos míseros escombros, / guardando dentro em mim certeza da vitória!*”.

Dirigindo-se à Virgem Maria, em prece, destacou: “*Do vosso trono, Flor de Nazaré, / derramai vossas bênçãos de ternura, / escutai nosso cântico de fé, / nossas preces de amor, ó Virgem pura! (...)*”.

Para a escola, à qual se dedicou por toda a vida, rascunhou a letra de um Hino: “*(...) Minha escola é tão bonita/que dá gosto a gente ver. / Tem um pátio e um jardim / e na frente há uma praça / que é mesmo uma graça, / tão galante e tão florida. / Minha escola é a mais linda/de toda essa região. / Minha escola que tem tudo, / tanta coisa de valor, / eu adoro a minha escola, / meu querido Antônio João.*”

Definindo sua vida, transformando sua história e seu coração em um colorido jardim, Mariinha Mota compôs: “*Cultivei longo tempo, em meu jardim, / gama gentil de prediletas flores: / cravos, rosas, boninas e o jasmim, / e um mar de perfumes e esplendores. / Um dia me cansei de todas elas... / Reformei meu canteiro de vaidades / plantando só violetas, tão singelas, / a flor representante da humildade! / E, todas as manhãs, eu vou colhê-las. / Elas são para mim, roxas estrelas, / escondidas nas folhas, rente ao chão. / Assim, em minha vida, finalmente, / as violetas cultivo, unicamente, / no jardim do meu próprio coração...*”.

Mariinha Mota nos deixou dia 26 de janeiro de 2011. Seu intenso olhar se apagou, mas ela nos legou sua poesia, sua força, sua fé e coragem. Talvez, em qualquer dessas noites de luar, surja no céu, bem perto dos Marins, como uma nova estrelinha, o olhar brilhante de Mariinha Mota nos permitindo novamente voltar a sonhar...

Maria Auxiliadora Mota G. Vieira

Crônicas Pitorescas

Conversa baixa...

Palmyro Masiero

Eu acho horrivelmente feio qualquer pessoa meter-se na vida alheia. Colocar a colher na sopa dos outros, ou mais propriamente dentro do contexto geriátrico, fofocar, principalmente sobre conhecidos. Não faço isso, sou contra isso, abomino quem isso faz.

Certa noite, no escritório, fazia serão – tinha que terminar uma conferência urgente, que não poderia ser preterida – e algo estranho aconteceu. Já passavam das dez horas da noite e ali estávamos eu, o escritório, seus móveis e utensílios sozinhos. Vazias as cadeiras, mesas, arquivos, máquinas, tudo repousando; dava a impressão de que a sala dormia. Silêncio total, somente minha respiração e a caneta conferindo o relatório. Foi por aí, comecei a ouvir murmúrios.

– Puxa! O João deve andar nervoso, com algum problema... Lascava cada dedada nas minhas teclas, que doía até a última molinha! – era a máquina de escrever reclamando para a mesa.

– Eu sei... Você notou a força com que batia minhas gavetas? Se tomasse mais conta da mulher, não iria dar no que deu! E a gente que leve pancada! Maldosamente protestava a mesa.

– A Joaninha precisa fazer regime... Não há tatu que aguento! Parece uma baleia fora d'água! – lamentava-se a cadeira.

– Ah!... Aquela... Do jeito que come, minha filha, nunca vai perder um grama. Cada vez mais solteirona e mais ranzinza! –

acrescentava ferinamente a máquina de calcular.

Lá no fim da sala, de frente e bem no centro, a grande mesa do chefe resmungava:

– E eu que vivo levando murros sem ser boxer. O velho não resolve seus problemas e eu viro saco de pancadas! Se tivesse mais cuidado e vergonha, a mulher não o teria apanhado com a Zelita. Bem feito pra aquela sirigaita! Tá no olho da rua! Mas pior é que o chefe está em fase total de improbidade em casa, com cara de cachorro ladrão aqui no escritório... E no frigar dos ovos quem é que paga o pato? Sou eu...

Num canto confidenciavam:

– Fiquei sabendo que a Chiquinha está grávida! – dizia um arquivo para outro.

– Não me diga!

– Pois é!... E dizem que o filho é do chefe da expedição!

– Quem diria, não! Ela com aquela cara de sonsa! Confie-se nas caras...

A coisa estava cada vez mais quente. Toda a vida íntima dos habitantes diurnos da sala era deslindada malignamente de um para outro objeto. Se não foram eles que explanavam o assunto, o que as pessoas disseram durante o dia ficou então vagando em ondas sonoras pelo ar!

Uma ou outra: ou os móveis se tornaram linguarudos ou as palavras ficaram vibrando no espaço da sala. Eu é que não falei nada! Deus que me livre meter o nariz na vida dos outros! Não sou e nunca serei de fazer fofocas...

Meu pé de laranja-lima

Edival da Silva Castro

Bons tempos aqueles, da nossa mudança da Avenida General Gomes Carneiro para a Rual Coronel Pederneiras, nº 396, ambas em Piquete.

Quando chegamos lá, em meados de abril de 1954, primeiramente corri para o quintal. Surpreendi-me com seu tamanho e com as plantações – touceiras de cana, bananeiras, goiabeira e, ao lado de uma mangueira, um pé minguado de laranja. Notava-se que as plantas não estavam bem, talvez por ser outono ou necessitarem de carinho.

Com o passar do tempo, o quintal tornou-se meu lugar favorito, porque lá as aves costumavam transitar e eu ficava na expectativa por selecioná-las. Eram sabiás, tico-ticos, sanhaços, beija-flores, pardais, safras, pintassilgos, e, de vez em quando, alguns canários-da-terra.

Nas férias de julho – até que gostei... – peguei no cabo da enxada e pus-me a dar um trato no quintal: carpi as ervas daninhas, cheguei terra aos pés de cana, da laranjeira, limpei as bananeiras e, por minha alta recreação, pude a goiabeira.

O inverno daquele ano pareceu-me mais rigoroso do que o dos anos anteriores. As plantas sofreram, as aves migraram, tudo ficou triste e monótono.

Quase chegando a primavera, encontrava-me sentado no último degrau da escada que dava acesso ao quintal; notei a impaciência das aves. Reparei, então, que a laranjeira começava a florir. A mangueira e a goiabeira também eclodiam seus rebentos.

Das plantas do quintal, passei a namorar o pé de laranja. As flores alvacentas e perfumadas envolviam a todos, inclusive os beija-flores multicoloridos. Perdia um tempão admirando as avezinhas que chegavam e saíam velozmente e os insetos que se alimentavam do néctar.

Ao aparecerem as primeiras laranjinhas, minha atenção dobrou: as aves maiores passaram a ficar sob meus cuidados; de jeito nenhum as deixava chegar perto do pé de laranja.

Quando os frutos foram crescendo, fui notando que eles eram diferentes dos de outras laranjeiras: tinham o mesmo tamanho, porém de cor amarelo-claro. Quando apanhei o primeiro e o descasquei, notei que se tratava de laranja-lima: casca fina, sabor suave e doce, polpa suculenta.

Havia no quintal de casa um pé de laranja lima – e o Zezé era eu mesmo.

Bloco dos Sujos

Uma manifestação – até há alguns anos comum no Carnaval de Piquete – era o Bloco dos Sujos. Neles predominavam o improviso e a desorganização. Um grupo de foliões com fantasias improvisadas com sacos de estopa, máscaras confeccionadas com fronhas nas cabeças e meias nas mãos ou mesmo com roupas comuns se reunia e saía pelas ruas da cidade e nos clubes, cantando e sambando marchinhas carnavalescas e sambas-enredo. Alguns blocos de sujo satirizavam personagens da política nacional e municipal, com faixas e cartazes. Sempre em tom de ironia e deboche, com a marca do humor brasileiro.

Esta era uma maneira inocente de brincar o Carnaval. Bons tempos aqueles...

Na foto, sr. Aurélio Campos e grupo de Sujos em frente ao “Hotel Brasil”, na rua Comendador Custório, na década de 50 do século 20



Água e Fogo, Vida e Morte

Pe. Fabrício Beckmann

No dia 13 deste mês de fevereiro, celebramos na Igreja Romana o sexto domingo do tempo comum. A primeira leitura desta liturgia nos trouxe um texto muito bonito. Trata-se do Eclesiástico 15,16-21, que diz o seguinte: “*Se quiseres observar os mandamentos, eles te guardarão; se confiares em Deus, tu também viverás. Diante de ti ele colocou o fogo e a água; para o que quiseres tu podes estender a mão. Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; ele receberá aquilo que preferir.*”

O livro do Eclesiástico foi escrito por um judeu zeloso de sua tradição chamado Jesus Bem Sirac e por isso é também chamado de Sirácidas. A redação deste livro foi realizada em um momento muito difícil na história do Povo de Deus. Por volta de 190 anos antes de Cristo, os gregos, que dominavam a Palestina, passaram a adotar uma política de imposição de sua cultura aos povos subjugados. O Povo de Israel se viu obrigado a abandonar seus costumes, sua religião e tradições e adotar o jeito grego de viver. Muitos judeus, temendo as ameaças do império, adotaram os costumes gregos, abandonando a cultura e a fé do seu povo. Ao fazerem isso, se esqueciam dos valores que tinham recebido de seus antepassados

e da religião judaica. Na tradição da Bíblia, a construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária, sem opressão e escravidão, sem acúmulo de terras e riquezas, mas também sem miséria e fome, era algo extremamente sagrado. Em contraposição a isso, a sociedade grega era organizada de maneira hierárquica, sustentada pela escravidão.

O Livro do Eclesiástico é um chamado à atenção do Povo para que não se deixasse levar pelos gregos, mas que permanecesse resistente na vivência da tradição das Escrituras, na prática da justiça, na não opressão dos irmãos, no partilhar da terra e do pão.

Diante das duas opções, o Povo de Deus precisava escolher. Segundo o autor, cada um receberia aquilo que fosse de sua preferência. Continuar vivendo a tradição das Escrituras, apesar das perseguições e dificuldades impostas pelo Império, era a água e a vida. Acolher o modo de viver dos gregos era optar pelo fogo e a morte, pela degradação do tecido social.

Este texto, que está presente apenas na Bíblia Católica, visto que a Reforma Protestante adotou o cânon judaico, e devido a isso os cristãos de tradição protestante não o utilizam em suas Igrejas, é provocante também a nós, cristãos e

peçoas de boa vontade de nosso tempo. Também temos que fazer a escolha exigida do Povo de Israel no passado.

Água e vida são atitudes como a justiça, a verdade, a honestidade, a busca do bem comum, a partilha, a reverência à sacralidade de toda a forma de vida e o profundo respeito pela vida social, que deve ser promovida e cuidada com extremo zelo. Essas atitudes são compatíveis com a tradição bíblica à qual pertencemos. Fogo e Morte, porém, são coisas desprezíveis, que contrariam os valores transmitidos pelas Escrituras, como a corrupção que lesa os cofres públicos prejudicando, sobretudo, os pobres que mais necessitam dos já precários serviços públicos; é o uso da mentira e do engano para conquistar e manter privilégios e regalias, é o desprezo pelo bem comum em vista de beneficiar-se a si mesmo e aos seus, é o acúmulo indevido de riquezas que deveriam estar a serviços de todos promovendo a sociedade, é a mediocridade de compactuar com os que praticam a injustiça, para que de algum modo tenhamos benefícios particulares em detrimento do coletivo.

A vida e a morte são colocadas à nossa escolha, todos os dias; cada um receberá o que for de sua preferência diz o Eclesiástico.

Jubileu Sacerdotal Padre Mário Bonatti

A Fundação Christiano Rosa une-se à comunidade salesiana de Lorena nas comemorações do cinquentenário da ordenação sacerdotal do Padre Mário Bonatti, ocorrida em Turim, Itália, em 11 de fevereiro de 1961.

Catarinense de Arrozeira, Padre Mário é doutor em Linguística e Antropologia. Durante muitos anos foi professor na UNISAL, em Lorena. Lecionou, também, na Universidade de Coimbra, Portugal, e na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Intelectual profícuo, é autor de vários livros e membro da Academia Lorenense de Letras. Desde 2005, Padre Mário é Cidadão Honorário de Piquete, título concedido pela Câmara Municipal em reconhecimento ao seu trabalho junto à comunidade piquetense. Colabora com o Oratório São Domingos Sávio desde 1967, quando foi seu Diretor Espiritual. Com sua calma, carisma e lucidez, cativou a todos,



tornando-se confessor e conselheiro da comunidade, que o tem com grande estima e amizade. Para todos que o procuram, Padre Mário tem sempre uma palavra amiga de consolo e incentivo. Participa ativamente da vida de Piquete. Gosta de dizer que adotou a cidade. Sempre presente na comunidade do Oratório, as missas por ele celebradas são uma festa. Padre Mário revela que a celebração dos seus cinquenta anos de ordenação sacerdotal representa uma

realização muito grande, pois aprendeu “com Dom Bosco que estamos no mundo para os outros”. Representa, ainda, “cinquenta anos de serviços à humanidade, como sacerdote e educador”.

Um cristão de atitude

Padre Mário mantém um blog, no qual registra suas ideias, com as publicadas recentemente: “*Há cristão de atitude, gente que decide, e há gente indiferente diante do bem e do mal. Um cristão de atitude é um cristão de qualidade. Não é qualquer um. É um santo. Um cristão missionário é um homem que reage, que não aceita certos absurdos. Toma posição e apoia os projetos bons na Igreja e na sociedade. Ele participa, não se conforma com a corrupção e a deturpação ameaçando a humanidade. Foi essa a atitude de Cristo para mudar o mundo (...)*”.

Comentando a Educação Básica

O FUNDEB – Financiamento da Educação Básica – garante creche, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e educação para jovens e adultos.

Estamos em um processo democrático. Aspiramos à democracia e nos esforçamos por consegui-la.

A democracia ou inclui a todos ou não existe. Não há meio cidadão.

Ou todos os brasileiros têm direito a moradia adequada, a alimentação suficiente, a assistência médica e educação de bom nível ou nossa democracia é capenga.

Quando o FUNDEB incluiu a educação de jovens e adultos, senti que chegavam bons ventos para a cidadania. Não se pode descuidar da alfabetização de adultos; e todo esforço deve ser aplicado para que os jovens que abandonaram a escola venham a completar pelo menos o ensino fundamental.

O Proinfância foi criado em 2007. Amplia a rede física de creches e pré-escolas públicas.

A meu ver, a pré-escola apresenta um elo vigoroso atrelando-a ao ensino fundamental. Enquanto vai aprendendo a observar o mundo, a dar nome às coisas, a medir e a inventariá-las, a criança se dá a conhecer física, social e intelectualmente.

A sociedade já sabe que tem diante de si um ser humano voltado para fora, que não está mais interessado em satisfazer apenas as próprias necessidades.

Os bons conservatórios preconizam a Iniciação Musical dos quatro (4) aos oito (8) anos. O mesmo se pode dizer em relação à Iniciação Esportiva.

Nestas condições, não julgo apropriada a criação de pré-escolas agregadas às creches. Tampouco vejo necessidade de criar prédios apenas para a pré-escola.

Basta acrescentar ao prédio do ensino

fundamental um pátio e um banheiro apropriados às crianças pequenas. Se o diretor julgar necessário, poderá providenciar um portão exclusivo para a entrada dos pequenos.

Não vejo necessidade de permanência

semestre e do ano letivo.

O aluno foi observado durante as duas primeiras séries. Qualquer problema verificado, seja de visão, de audição, de dicção, de doenças físicas ou psicológicas que perturbem as atividades na escola, já deve estar resolvido com o concurso da família e do Posto de Saúde.

O currículo não vai ser elaborado para gênios, mas para crianças saudáveis, ávidas de conhecimento. Então, não há por que falar em classes heterogêneas. Qualquer dificuldade vai ser resolvida pelo reforço inteligente, sempre cuidadoso, que busque o motivo da falha do aluno.

Nestes termos, a reprovação pode ser banida da escola fundamental.

Quanto ao ensino médio, o governo federal firmou convênio com os estados para integrá-lo à educação profissional.

No estado de São Paulo, temos a experiência vitoriosa da Fundação Paula Souza.

Além disso, o Sistema S, reestruturado pelo governo federal em 2008, oferece a São Paulo e ao Brasil um excelente modelo na abordagem da profissionalização dos jovens.

Seu último rebento, o Senar, já produziu bons resultados no campo.

Falta, ainda, um olhar atento à área da mineração. De grande utilidade seria, pelo menos, um curso itinerante, como os que são dados na Amazônia, para otimizar o trabalho dos pequenos mineradores, evitando a degradação dos cursos de água e a contaminação por mercúrio.

Além de somar todas estas experiências, é só manter os olhos bem abertos às solicitações do mercado, porque novas profissões surgem a todo momento.

Abigail Lea da Silva



dos alunos do ensino fundamental em período integral.

As classes mais adiantadas podem ficar no turno da manhã e as crianças menores no turno da tarde.

Para o reforço (individual ou em pequeno grupo) haverá alternância de turno. A escola providenciará para que o reforço se desenrole com naturalidade e bons resultados.

O que alguns costumam chamar de aprovação automática (progressão continuada) não me causa estranheza. Não soa aos meus ouvidos como irresponsabilidade.

As crianças vão ser alfabetizadas na terceira (3ª) série, no ano em que completam o sétimo (7º) aniversário.

É como se professor e aluno assinassem cheques pré-datados. Até a conclusão do período o professor deve ter ensinado o que está no currículo; e o aluno deve ter aprendido o que o professor ensinou.

Todos os alunos têm de estar no mesmo nível no final de cada bimestre, de cada

Tão perto e tão longe...

No mês em que “O Estafeta” entra em seu 14º ano de circulação ininterrupta, orgulho-me de participar da equipe que, mensalmente, se esforça para preparar um informativo sério que apresente textos de qualidade, disponibilize informações úteis para a comunidade e propicie aos seus leitores cultura e diversão.

Fevereiro 2011... Estive no Rio de Janeiro por quatro dias para a realização de um trabalho. À noite ficava imaginando que o Rio de Janeiro é um Brasil em miniatura. Explico-lhes... Observei as condições em que vivem os moradores da Penha, bairro em que ficava meu cliente. Comparei-os com a rica “Zona Sul”, onde fiquei hospedado. A discrepância é muito grande. Os moradores da Penha estão a poucos quilômetros da beleza da Cidade Maravilhosa, mas não desfrutam dela; ou,

ao menos, têm dificuldades para tal. Já em Copacabana, avistei a pobreza escancarada dos mendigos, a decadência da prostituição, a precariedade das favelas... É um descompasso... Estão todos tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe de uma vida digna. São injustas com os cidadãos a corrupção, as condições de transporte, de saúde e de educação... Concordam comigo na assertiva inicial deste parágrafo ou não?

Voltemos a Piquete... Temos uma das mais belas paisagens da Serra da Mantiqueira; na vizinha Lorena, estão umas das melhores faculdades do país; estamos num dos pontos de confluência das rotas entre as principais cidades brasileiras. E de que vantagens usufruímos? Quais as chances de os alunos de escola pública de Piquete frequentarem a USP ou a UNISAL? Na primeira, a concorrência é cruel; na segunda,

os custos são penosos para os padrões salariais piquetenses... Tão perto e tão longe...

Após 13 anos, “O Estafeta” ainda tem um longo percurso para atingir seus ideais. Contando com articulistas competentes, os textos publicados requerem uma avaliação do leitor, que deverá tomar posicionamento contra ou favor das idéias nele contidas com base nas informações presentes e/ou por meio da busca em outras fontes. Este é o objetivo: formar mentes críticas, questionadoras. Acreditar nesta meta dá-me ânimo para, no mínimo, mais 13 anos colaborando com “O Estafeta”. Leiam, divulguem-no, questionem-no e tornem possível o sonho de atingir aquilo que está tão perto, mas que ainda parece inatingível.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.